

Duda Nogueira
Roseli Deienno Braff
Tatiana Scaranello Carreira

Português jurídico

Indicado para OAB
e concursos públicos

2019

PARTE I

Língua Portuguesa

Duda Nogueira
e Roseli Braff

INTRODUÇÃO

O estudo da língua portuguesa, nesta primeira parte, será direcionado, sobretudo, às principais dificuldades que os estudantes (em geral) e as pessoas que prestam concursos públicos (em particular) apresentam diante de uma prova escrita ou mesmo de uma arguição oral. Por essa razão, procuramos resumir a teoria e apresentar questões resolvidas e outras inéditas com a finalidade de tornar a prática de resolução de exercícios um desafio estimulante. Bom estudo!

1. NORMA CULTA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Cabe a cada usuário da língua avaliar o contexto de uso e escolher a forma de expressão mais apropriada. Afinal, paralelamente à sua condição de sistema de unidades e regras combinatórias, a língua é a expressão da imagem que os interlocutores fazem da situação social em que se encontram – ou seja, uma forma de comportamento –, e como tal requer de seus usuários discernimento para adequar as formas que empregam à situação e à finalidade do ato comunicativo. É nisso que consiste a competência verbal de um cidadão.

José Carlos de Azeredo. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*.

Atualmente perto de 255 milhões de pessoas no mundo têm a língua portuguesa como idioma oficial. Segundo a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste compõem essa população lusófona.

No entanto, a diversidade no léxico (repertório de palavras existentes numa determinada língua) e na pronúncia desses 255 milhões de falantes é considerável. Basta viajar apenas pelo Brasil – que concentra 80% desse total – para perceber os diferentes sotaques e vocabulários em uso.

Diante de tantas diferenças, como conseguimos nos entender? A resposta está consolidada na chamada norma culta ou norma-padrão, que deve (pelo menos deveria) ser do conhecimento de todos os brasileiros alfabetizados. É a norma culta, ditada pela **gramática normativa**, responsável pela uniformidade da linguagem.

Todavia a língua é um organismo vivo, que sofre mudanças no tempo: palavras caem em desuso, outras são adicionadas aos dicionários conforme surjam necessidades. A entidade responsável pela composição do léxico no Brasil é a Academia Brasileira de Letras, que publica o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), aprovado pelo Congresso Nacional.

Preparada por filólogos e linguistas, a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) abrange as três divisões da gramática normativa: fonética, morfologia e sintaxe – o que, tradicionalmente, ensinam nas escolas.

A norma culta apresenta-se, então, como fator de coesão linguística, de uniformidade da língua, sendo adotada, principalmente, na escrita dos documentos oficiais, na linguagem científica, nos textos jornalísticos e artísticos – nos mais variados meios culturais da sociedade.

Vale ressaltar, entretanto, o conselho do professor Ataliba T. de Castilho: “aprenda a norma culta **além** do português que você fala, e utilize um ou outro segundo as circunstâncias”.

► VARIANTES LINGUÍSTICAS

A língua portuguesa usada no Brasil, país de dimensão continental, apresenta imensa variação, que se dá por diversos fatores, entre os quais destacamos os seguintes:

- **nacionais**

São grandes as diferenças entre o português falado no Brasil e aquele falado em Portugal, embora essa seja a língua oficial dos dois países.

O escritor brasileiro Mário Prata, depois de morar alguns anos em Portugal, publicou *Schifaizfavoire*: Dicionário de Português. Veja, a seguir, alguns verbetes:

ALCATIFA

Ao procurar apartamento para alugar, no jornal, está lá: sala totalmente alcatifada. Se você não tiver origem árabe, moura ou parecida, ficará sem entender o que é uma sala alcatifada. Totalmente alcatifada, pior ainda. Quer dizer, simplesmente, que a sala é acarpetada. Alcatifa, palavra de origem árabe, quer dizer CARPETE.

ANDAR

Evidentemente que andar também é andar. Mas... ao procurar apartamento para alugar, provavelmente não vai encontrar nada. Procure andares para alugar. Aluga-se andar com quatro assoalhados, no terceiro piso. Andar, portanto, é APARTAMENTO. Ninguém diz vou comprar um apartamento, mas sim vou comprar um andar, mesmo que neste andar tenha quatro apartamentos.

ARRANJAR

É uma palavra muito usada na cozinha. A cozinheira nativa arranja como ninguém os peixes, os frutos do mar. Um peixe bem arranjado é outra coisa. Arranjar significa LIMPAR, PREPARAR. Mas é também o que as mães dizem para as crianças de manhã: vão se arranjar! Ou seja, lavar o rosto, escovar os dentes etc.

AUTOCARRO

Não, não é um carro que anda sozinho. Pelo contrário. Geralmente anda cheio de portugueses. É um ÔNIBUS.

- **históricos**

O português utilizado hoje difere daquele de antigamente, já que a língua constitui um organismo vivo, que se altera no tempo. A crônica de Carlos Drummond de Andrade exemplifica a afirmação anterior.

ANTIGAMENTE

ANTIGAMENTE, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da forca e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passasse a manta e azulava, dando às de vila-diogo. Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, e mais tarde ao cinematógrafo, chupando bolas de alteia. Ou sonhavam em andar de aeroplano; os quais, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'água.

HAVIA OS QUE tomaram chá em criança, e, ao visitarem família da maior consideração, sabiam cuspir dentro da escarradeira. Se mandavam seus respeitos a alguém, o portador garantia-lhes: "Farei presente." Outros, ao cruzarem com um sacerdote, tiravam o chapéu, exclamando: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", ao que o Reverendíssimo correspondia: "Para sempre seja louvado." E os eruditos, se alguém espirrava – sinal de defluxo – eram impelidos a exortar: "Dominus tecum". Embora sem saber da missa a metade, os presunçosos queriam ensinar padre-nosso ao vigário, e com isso metiam a mão em cumbuca. Era natural que com eles se perdesse a tramontana. A pessoa cheia de melindres ficava sentida com a desfeita que lhe faziam, quando, por exemplo, insinuavam que seu filho era artioso. Verdade seja que às vezes os meninos eram mesmo encapetados; chegavam a pitar escondido, atrás da igreja. As meninas, não: verdadeiros cromos, umas teteias.

ANTIGAMENTE, certos tipos faziam negócios e ficavam a ver navios; outros eram pegos com a boca na botija, contavam tudo tintim por tintim e iam comer o pão que o diabo amassou, lá onde Judas perdeu as botas. Uns raros amarravam cachorro com linguiça. E alguns ouviam cantar o galo, mas não sabiam onde. As famílias faziam sortimento na

venda, tinham conta no carnicheiro e arrematavam qualquer quitanda que passasse à porta, desde que o moleque do tabuleiro, quase sempre um cabrito, não tivesse catinga. Acolhiam com satisfação a visita do cometa, que, andando por ceca e meca, trazia novidades de baixo, ou seja, da Corte do Rio de Janeiro. Ele vinha dar dois dedos de prosa e deixar de presente ao dono da casa um canivete roscofe. As donzelas punham carmim e chegavam à sacada para vê-lo apear do macho faceiro. Infelizmente, alguns eram mais do que velhacos: eram grandessíssimos tratantes.

ACONTECIA o indivíduo apanhar constipação; ficando perrenque, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtysica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, asthma os gatos, os homens portavam ceroulas, botinas e capa-de-goma, a casimira tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotografos, mas retratistas, e os cristãos não morriam: descansavam.

MAS TUDO ISSO era antigamente, isto é, outrora.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Antigamente.

Disponível em: <<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond07.htm>>. Acesso em: nov. 2017.

• regionais (geográficas)

As regiões brasileiras apresentam variantes linguísticas referentes à pronúncia, ao sotaque e ao vocabulário (léxico). É fácil identificar a fala de um gaúcho ou de um nordestino, bem como os diferentes vocábulos usados com o mesmo significado, por exemplo: semáforo, sinaleira, farol, sinal.

• socioculturais

As variantes socioculturais operam – principalmente – em dois níveis:

1. situação de fala: aqui interferem o ambiente (formal ou informal), o tema da conversa, o estado emocional do falante, a intimidade com o interlocutor, a distância física, o canal (meio usado para a comunicação).
2. falante: faixa etária, grau de instrução, profissão e nível socioeconômico são elementos que concorrem para a diversidade tanto na fala quanto na escrita.

1.1 Questões comentadas

Leia o texto para responder à questão 1.

MOÇA BONITA NÃO PAGA?

Maíra Zapater

Em junho de 2017, uma juíza do Distrito Federal, ao julgar uma ação proposta por um homem contra os organizadores de uma festa que cobrava preços diferentes para os ingressos de homens e mulheres, declarou ser ilegal a prática. À decisão, seguiu-se agora, em julho, nota técnica da Secretaria Nacional do Consumidor do Ministério da Justiça reafirmando a ilegalidade da cobrança diferenciada e ressaltando que os estabelecimentos que não se adaptassem estariam sujeitos às sanções previstas no artigo 56 do Código de Defesa do Consumidor.

Ambas as determinações geraram polêmica (aliás, como parece acontecer com tudo – ou quase tudo – que envolva demandas feministas relacionadas à desigualdade de gênero). Se até então eram frequentes, nas conversas de bar travadas tanto nas mesas quanto nas redes sociais, afirmações tais como “nunca vi feminista reclamar na hora de entrar de graça ou pagar mais barato na balada!” (em geral proferida com sua gêmea siamesa “na hora de pedir serviço militar obrigatório, as feministas ficam quietas”), agora parece que o jogo virou, e os críticos preferem manifestar sua indignação dizendo que “as feministas querem impor sua ideologia pra todo mundo e obrigar as mulheres a pagarem mais caro na balada”, “vai acabar balada”, “nunca mais ninguém vai sair pra night”, “ninguém vai pagar mais ninguém”, “as feministas vão fazer fechar as casas noturnas” e por aí vai.

Piadas à parte, e sem entrar no mérito da (in)coerência das críticas, quero, na coluna de hoje, contribuir com argumentos para a discussão, sugerindo duas perguntas para, juntos, pensarmos sobre o assunto. Parece-me ser relevante refletir sobre dois aspectos: primeiro, é discriminatório cobrar preços diferentes para homens e mulheres na balada? E, segundo: se for discriminatório, o estabelecimento (que é privado) tem liberdade de discriminar seu público, cabendo ao consumidor exercer a sua liberdade de frequentar ou não o local conforme suas próprias convicções?

Os exemplos – ainda que hipotéticos – são sempre úteis para trazer à concretude abstrações por vezes nem tão acessíveis. Então, vamos lá: um exercício sempre eficaz para examinar se a questão de gênero faz ou não diferença em determinada situação é a inversão dos gêneros dos protagonistas. Pois imaginemos que uma determinada balada resolva cobrar mais barato o ingresso dos homens. O dono do estabelecimento justifica a adoção dessa política de preços afirmando preferir que haja maioria de homens no local, porque “como todo mundo sabe, muita mulher junta sempre acaba dando confusão” e que “ninguém gosta de estar numa festa em que só tenha mulher”. “Além disso”, continua ele, “todo mundo sabe que, quando a mulherada sai pra night, só quer saber de pegação e, com certeza, vai preferir ir a um lugar onde tenha o máximo possível de homens para escolher”.

A situação hipotética pareceu estranha, de alguma forma, com a inversão dos lugares-comuns em geral apresentados para justificar a cobrança mais barata para mulheres? Bom, se a narrativa ganhou conotações diferentes em decorrência dessa inversão, significa que há expectativas diferentes para homens e mulheres colocados em uma mesma situação social e que se construiu ali uma relação desigual entre homens e mulheres – e, portanto, (no mínimo, potencialmente) discriminatória e ilícita, já que a Constituição veda o tratamento desigual entre iguais (vale lembrar que o inciso II do artigo 5º da CF estabelece que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”, o que só reforça a invalidade jurídica do fator de discriminação com o qual se pretende justificar a cobrança diferenciada).

Pois bem. Assumindo que concordamos – eu e você, leitora e leitor – que há discriminação na prática de cobrar ingresso mais barato de mulheres nas festas e casas noturnas, resta pensar no segundo questionamento que propus acima: o estabelecimento privado tem a liberdade de adotar uma política considerada discriminatória, cabendo ao público consumidor escolher se quer ou não frequentar o local?

Ilustremos com outro exemplo hipotético (ou talvez menos fictício do que gostaríamos): imaginemos que o dono de uma casa noturna queira construir uma reputação de que seu estabelecimento seja um local “onde só vai gente bonita”. Para garantir que, segundo seus critérios subjetivos e seu “tino empresarial”, seja mantido um padrão estético mínimo nos frequentadores da casa, esse proprietário estabelece uma “cota máxima” para negros no local, estipulando um número limite de pessoas negras por noite, e determinando, ainda, que pessoas brancas têm direito a um ingresso com desconto. Esse empresário se justifica dizendo o seguinte: “Não é racismo, é só uma questão de gosto. Eu concordo com o padrão hegemônico de beleza que, em geral, vemos nas revistas, novelas e filmes e acho que as pessoas brancas são mesmo mais bonitas e que é muito mais agradável estar numa balada com maioria de pessoas brancas. É só a minha opinião. Quem não concordar e tiver uma opinião diversa, não é obrigado a vir na minha casa noturna”.

Teria o nosso empresário hipotético a liberdade de adotar uma política discriminatória por entender ser a mais lucrativa para o seu estabelecimento?

Aqui tocamos no sensível ponto dos limites entre a liberdade no campo privado e o dever de atuação do Estado quando há uma violação de direitos humanos entre particulares – sim, discriminar em razão de cor, raça, religião, gênero, orientação sexual etc. viola o direito à igualdade. Da mesma forma que a discriminação racial do segundo exemplo, a discriminação de gênero é também uma forma de violação – ainda que pareça vir disfarçada do “privilegio” de pagar mais barato um ingresso.

A ideia de uma presença majoritária de mulheres diz respeito a um tipo específico de balada, na qual, seguramente, as mulheres não gozam das mesmas prerrogativas de liberdade sexual que os homens – será que as moças que “saem pra pegação” são socialmente vistas da mesma maneira que os meninos na mesma

situação? Ao defender a possibilidade de manutenção de cobrança diferenciada para mulheres, não estaremos a reafirmar estereótipos profundamente prejudiciais? E, de mais a mais, não é com essa alteração que “a balada ficou cara”, não é mesmo? Que tal revermos toda essa política de preços na qual se vendem “experiências” – e, claro, vai e paga quem pode e quem quer – mas tornando esse espaço de acesso público friendly* para mulheres da mesma forma que para os homens?

Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br>>.

Acesso em: 11 jul. 2017.

*friendly = amigável

1. **(COMPERVE-UFRN – Assistente Social/2017)** No texto, a linguagem apresenta-se
- a) em norma-padrão, com interferências localizadas de informalidade.
 - b) em norma-padrão, sem interferências localizadas de informalidade.
 - c) em registro informal, com interferências da norma-padrão, em consonância com o gênero discursivo.
 - d) em registro informal, sem interferências da norma-padrão, em consonância com o gênero discursivo.

➤ **Gabarito: Alternativa A**

- a. Correta. O texto apresenta-se com predomínio de norma-padrão, com algumas interferências de informalidade, como, por exemplo, o uso das expressões “vai acabar balada”; “todo mundo sabe que, quando a mulherada sai pra night, só quer saber de pegação”; “onde só vai gente bonita”.
- b. Há interferências de informalidade, conforme item a.
- c. Predomina o registro formal.
- d. Predomina a norma-padrão com algumas interferências do registro informal.

Leia o texto para responder à questão 2.

Na entrevista de um jornal mineiro apareciam os depoimentos de dois jovens:

Jovem 1 – Uma luta de boxe é muito mais chocante quando a gente está presente no ginásio. Nós vemos os golpes e é divertido ver um deles cair à sua frente. Na TV não tem emoção.

Jovem 2 – Numa luta de boxe, as câmeras filmam todos os detalhes. Quando um dos lutadores é ferido, o sangue é mostrado na nossa cara. É impressionante. Ver a luta de perto não é a mesma coisa, os espectadores não veem nada.

2. **(FGV - TRT 12 – Técnico Judiciário/2017)** No texto, a presença de traços da linguagem coloquial é visível nos depoimentos; a frase que mostra variante formal é:
- a) Uma luta de boxe é muito mais chocante...
 - b) ... quando a gente está presente no ginásio.
 - c) ... é divertido ver um deles cair à sua frente.
 - d) Na TV não tem emoção.
 - e) O sangue é mostrado na nossa cara.

> Gabarito: Alternativa C

- a. "chocante" é traço coloquial no contexto.
- b. "a gente" é coloquialismo.
- c. Correta. Variante formal.
- d. "não tem" no lugar de "não há" é traço coloquial.
- e. Pode-se afirmar que a frase toda apresenta registro coloquial.

3. (FGV - TRT 12 – Técnico Judiciário/2017) Assinale a alternativa correta de acordo com a norma culta.

- a) Entrego a Vossa Senhoria vosso pedido.
- b) Há algum tempo, havia mais pedidos de material de escritório.
- c) Refiro-me à Vossa Excelência com deferência.
- d) Fiz várias versões do ofício, onde fica claro a intenção dos funcionários.
- e) O relatório, que segue por malote não precisa ser revisto.

> Gabarito: Alternativa B

- a. "Seu" pedido.
- b. Correta. De acordo com a norma culta.
- c. Antes de pronome de tratamento não há crase.
- d. "onde" no lugar de "em que"; "fica claro" no lugar de "fica clara".
- e. O emprego da vírgula está inadequado.

1.2 Questões inéditas

Leia o texto para responder à questão 1.



1. Pode-se afirmar que a variante linguística predominante no texto é

- a) histórica.
- b) regional.
- c) social.
- d) econômica
- e) nacional.

> Gabarito: Alternativa B

- a. A linguagem utilizada pelos personagens é atual.
- b. Correta. Há diferenças regionais: o falar dos gaúchos e o dos nordestinos.
- c. Não predomina essa variante.
- d. Linguagem regional coloquial não se caracteriza por diferenças econômicas.
- e. Os falantes são brasileiros.

2. Assinale a alternativa cuja linguagem segue totalmente a norma-padrão.

- a) Domingo, passado a gente fomos assistir o jogo do Timão. Quando nós tomemos o ônibus, a porta ficou meia aberta, e aí o pessoal não paravam de entrar. Nós ficou que nem sardinha em lata.
- b) Domingo passado, a gente foi assistir o jogo do Timão. Quando a gente tomamos o ônibus, a porta ficou meia aberta, e aí o pessoal não parava de entrar. Nós ficamo que nem sardinha em lata.
- c) Domingo passado, nós fomos assistir ao jogo do Corinthians. Quando tomamos o ônibus, a porta ficou meio aberta, então o pessoal não parava de entrar. Ficamos muito apertados lá dentro.
- d) Domingo passado, nós fomos, ver o jogo do Corinthians. Quando nós pegamos o ônibus a porta ficou meio aberta; daí o povo não parava de entrar. Ficamos num aperto danado.
- e) Domingo passado nós fomos assistir o jogo do Corinthians. Quando pegamos o ônibus a porta ficou meio aberta aí o pessoal não parava de entrar entretanto ficamos muito apertados dentro do ônibus.

> Gabarito: Alternativa C

- a. Domingo passado, nós fomos assistir ao jogo do Corinthians. Quando tomamos o ônibus, a porta ficou meio aberta, então o pessoal não parava de entrar. Ficamos muito apertados lá dentro.
- b. Domingo passado, nós fomos assistir ao jogo do Corinthians. Quando tomamos o ônibus, a porta ficou meio aberta, então o pessoal não parava de entrar. Ficamos muito apertados lá dentro.
- c. Correta. O texto está totalmente de acordo com a norma culta.
- d. Domingo passado, nós fomos assistir ao jogo do Corinthians. Quando tomamos o ônibus, a porta ficou meio aberta, então o pessoal não parava de entrar. Ficamos muito apertados lá dentro.
- e. Domingo passado, nós fomos assistir ao jogo do Corinthians. Quando tomamos o ônibus, a porta ficou meio aberta, então o pessoal não parava de entrar. Ficamos muito apertados lá dentro.

Leia o texto para responder à questão 3.

Guia para comemorar o pibinho

“Setembro passou, Outubro e Novembro, já tamo em Dezembro, meu Deus, que é de nós?”. Desperto no derradeiro mês deste 2017 com o canto semiárido e existencialista de Patativa do Assaré, o poeta andarilho, no juízo. Calma, não vou